

FERNANDO PESSOA E A CONSCIÊNCIA INFELIZ

Sônia Maria Viegas de Andrade

A reflexão que pretendemos desenvolver neste trabalho tem se constituído, para nós, em motivo de irresistível sedução e de continuada dúvida. Professores de Filosofia, somos tentados a estabelecer o paralelo entre o texto poético e o texto filosófico. Como Sísifos de um mundo de significações explícitas e desbravadas, teimamos em realizar esse esforço inútil. Todavia, o trato constante com a linguagem literária vem tornando cada vez mais persuasiva a constatação de que a poesia, por sua própria natureza, jamais se deixa traduzir pela linguagem discursiva. É, contudo, a inutilidade do trabalho que nos seduz. Um dos ensinamentos mais preciosos que o discurso filosófico adquire com a poesia é a consciência da inutilidade do conceito para traduzir, seja a vida, seja a alegoria poética. A poesia é uma palavra privilegiada que captou a vivência recriando-a simbolicamente. Há duas maneiras de a consciência assumir a poesia: devolvendo-a à vida como uma espécie de suplemento de sensibilidade, de "suplemento de alma"; devolvendo-a a si própria através da consciência do mistério que ela evoca. Esta segunda constitui a nossa alternativa.

Por uma condenação ao paradoxo, o homem é, simultaneamente, a vivência e o discurso de sua própria vivência. A consciência é, sob esse aspecto, um esforço que se nega, uma tentativa de apropriar-se da vida saindo dela. Sua natureza é especular: reflete a existência concreta, mas é incapaz de penetrá-la e com ela identificar-se. A consciência é sempre o sujeito de algo com que pretende fundir-se mas que, devido à sua condição de sujeito, desdobra-se em face dela como algo insistentemente *outro*, como o seu *não*, o mundo do qual ela se constitui como consciência. Eis porque sua grandeza reside naqueles momentos em que se revela, em face da realidade concreta e imediata, como a *condição intencional* dessa realidade. Enquanto *consciência de*, o sujeito é condição para que a vida sobreviva ao momento de sua aparição. Quando, ao contrário, reproduzindo a realidade, a consciência se detém nos seus próprios reflexos, perde seu caráter intencional, transforma-se numa casca inútil de idéias abstratas. A consciência é, pois, fundamentalmente um reflexo que se devolve ao refletido como sua contrapartida simbólica, sua *senha*. Eis porque a expressão máxima da consciência, sua reflexivida-

de maior, coincide com o reconhecimento mais radical de seu vazio.

A poesia é uma forma de consciência implícita, preserva ainda a opacidade da vida, está carregada de vida. Sua força simbólica advém de seu poder de recriar o vivido. É uma consciência que não se diz, mas que se faz presente, num ritual em que a existência comparece, ludicamente, sob forma de alegoria. Já o discurso filosófico é a expressão mais explícita de consciência, sua transparência total, uma consciência que se diz e, por isso mesmo, se faz ausente: aponta, através de suas fulgurações e de seus reflexos, aquilo que, na exterioridade da vida, lhe acena a sua razão de ser.

Imaginemos, agora, uma poesia cuja transfiguração simbólica alcance, não a recriação do mundo, mas a dor do sujeito que se descobre afastado do mundo. Ela expressa poeticamente a condenação da consciência reflexiva de que há pouco falávamos, trata-se da poesia do não, da subjetividade.

Esse é, a nosso ver, o caso de Fernando Pessoa. Em face de uma tal convivência entre a reflexividade e a poesia, tentaremos uma leitura filosófica da obra desse poeta. Tomaremos, como suporte teórico, a passagem de Hegel, na *Fenomenologia do Espírito*, que aborda o problema da reflexividade da consciência, por Hegel denominada a *consciência de si*, cuja descoberta do próprio vazio é caracterizada como *consciência infeliz*.

Nosso trabalho se dividirá em duas partes. Na primeira, procederemos a uma exposição resumida do problema da *consciência infeliz* no texto de Hegel. Na segunda, tentaremos o reconhecimento desse problema na linguagem poética de Fernando Pessoa. Como dizíamos no início, não temos a menor pretensão de explicitar o texto poético. Poesia e Filosofia são duas maneiras de efetivar a transcendência da consciência em relação ao mundo. Uma pode, quem sabe, se revelar à outra.

* * *

1. A *consciência infeliz* (exposição do texto de Hegel):

O texto de Hegel que nos interessa encontra-se na segunda parte da *Fenomenologia do Espírito*, denominada "Consciência de si"¹ É onde encontramos, igualmente, a famosa passagem referente à dialética do Senhor e do Escravo. Não pretendemos realizar uma leitura estrita do texto hegeliano, mas, apenas dele retirar uma compreensão do que esse filósofo tão magistralmente descreveu como

o nascimento e a crise da consciência subjetiva. Para tanto, utilizaremos, paralelamente, os comentários de Hyppolite² e de Jean Wani³.

Se quisermos entender o que significa, para Hegel, a infelicidade da consciência, deveremos atentar para o sentido que ele dá à consciência na conquista progressiva do que constitui a finalidade intrínseca do trabalho da razão: a liberdade. Esta é, para Hegel, a síntese entre realidade e pensamento. Uma tal síntese não se dá de uma vez, mas ao longo de todo um trabalho histórico da razão, trabalho que é sucessivamente retomado e sucessivamente negado pela contradição inerente à própria unidade que pretende realizar. Realidade e pensamento são dois opostos excludentes reciprocamente, e só um penoso processo dialético, que trabalhe essa oposição mesma, poderá levá-los a uma conciliação progressiva. Essa conciliação é liberdade, na medida em que significa uma realidade que se pensa no momento em que se realiza, ou seja, uma realidade consciente de si mesma e capaz de justificar seu próprio movimento. A oposição realidade-pensamento toma várias formas, algumas bastante familiares: natureza-cultura, eu-mundo, matéria-forma, sujeito-objeto, liberdade-necessidade, corpo-alma, essência-existência, etc. Seja qual for a maneira como se apresenta, o importante é que entendamos que essa oposição radica a consciência do lado do pensamento, do lado do para-si, em contraste com a realidade imediata (a exterioridade, o em-si, o mundo dos objetos reduzido a si mesmo, sem reconhecimento, nascendo e morrendo no fluxo incessante do tempo). Sob esse aspecto, uma primeira forma radical de oposição do em-si e do para-si seria natureza (inconsciente de si mesma) e consciência (que se revela numa primeira instância como consciência totalmente voltada para fora de si, dominada pela percepção do mundo no seu imediato). A consciência, a princípio, não possui consciência de si mesma, pelo menos não de forma explícita. Ela se revela como uma espécie de registro do mundo exterior. A princípio, perde-se na transitoriedade dos acontecimentos. Depois, tenta delês uma generalização, e, caindo em abstrações cuja totalidade permanece muito distante da multiplicidade das coisas que pretende unificar, experimenta sua aguda oposição em relação ao ser que se dispõe fora dela.

É a partir dessa experiência de oposição, é constituindo-se como consciência de um mundo que ela sabe desdobrar-se fora de seus limites, é tentando reiteradamente conquistá-lo e identificarse com ele sem contudo perder a si mesma enquanto para-si, ou seja, liberdade, que a consciência progressivamente se volta para si pró-

pria, se descobre. Eis aí o nascimento da consciência subjetiva, ou, como diz Hegel, da "consciência de si", consciência pensante em oposição à consciência vivente. A consciência subjetiva carrega dentro de si mesma o que antes estava distribuído entre consciência e mundo. Ela é, simultaneamente, seu em-si e seu para-si. O que significa dizer que, num movimento reflexivo, volta-se sobre si mesma e se percebe como a realidade que é o objeto de seu pensamento. A consciência subjetiva pensa a si própria, é a um só tempo seu sujeito e seu objeto. Encarna-se, todavia, na exterioridade do mundo sob a forma de uma infinita multiplicidade de consciências individualizadas e, dessa forma, efetiva na sua realidade a sua própria negação. O que se constitui como o domínio do universal, da totalidade, que é a consciência pensante, vê-se, dessa forma, multiplicado em vários seres individuais, expostos à transitoriedade e à imediaticidade, ao nascimento e à morte, à particularidade de suas circunstâncias. Desses seres, desses vários eus concretos, o pensamento totalizante se reproduz como a forma abstrata do Eu, enquanto que, na multiplicidade dos eus existentes, a oposição entre ser e pensamento, realidade e consciência, objeto e sujeito, necessidade e liberdade se processará de eu para eu. Trata-se da dialética do Senhor e do Escravo. O primeiro, constituindo o para-si do segundo, a sua verdade, a sua essência, a liberdade, a independência das coisas do mundo, a encarnação dos ideais da consciência. O segundo, inessencial, subjugado às coisas pelo trabalho, condenado a elaborar incessantemente um mundo que lhe resiste obrigando-o a nele consumir todas as suas forças, é a consciência de si que encarna a dependência e a necessidade.⁴ Se o Senhor é a verdade do Escravo, este, em contrapartida, detém, num certo sentido, a verdade do Senhor, na medida em que encarna a negação da liberdade, ou seja, na medida em que afirma em si mesmo uma dependência e uma escravidão que o Senhor precisa manter à sua frente como o seu outro. Assim, o Senhor é uma verdade exterior ao ser do qual se constitui como verdade.

É, contudo, através do próprio trabalho que o aprisio na ao mundo da necessidade que o Escravo atinge a sua verdade. Ele esculpe, com o trabalho, uma imagem de si mesmo exteriorizada nas coisas e, nessa imagem, tem a intuição de si mesmo como um ser independente, como um ser que é para-si. Recupera, portanto, em si mesmo, a sua verdade que antes estava fora dele, na consciência do Senhor. Eis que, agora, unifica-se na consciência subjetiva os dois polos que se mantinham exteriores um ao outro.

Chegamos à consciência infeliz, à consciência subjeti-

va que mantêm, dentro de si mesma, a oposição que antes se fazia no confronto de consciência. A consciência infeliz é a síntese incômoda do Senhor e do Escravo, do para-si e do em-si, da interioridade e da exterioridade. Simultaneamente se afirma e se nega. Em que consiste sua infelicidade? Como diz Hyppolite, no fato de que esta consciência de si seja "a reflexão da consciência em si mesma", reflexão que "implica uma ruptura com a vida, uma separação tão radical que a consciência dessa separação é a consciência da infelicidade de toda reflexão"⁵. Ela é, a um só tempo, seu pensamento e seu ser, é consciência que se pensa a si mesma, reflexa. O preço que paga por carregar dentro de si seu próprio ser é seu desterro do mundo, que permanece fora dela, como pura exterioridade não alcançada pelo pensamento. Nesse sentido, o ser da consciência tornou-se a negação do ser do mundo, e vice-versa. Enquanto negação do ser do mundo, a realidade da consciência, sua abstrata liberdade, se dispõe, na consciência que ela possui de si mesma, como o nada⁶. Por outro lado, seu desdobramento em várias consciências individuais faz com que cada uma seja a negação da outra, visto que cada uma conterá dentro de si uma síntese que a presença de outra consciência de si em face dela torna uma contradição. Cada sujeito se apresenta para o outro como uma negação, ou seja, como uma outra consciência de si, intangível, impenetrável. O reconhecimento do outro implica, portanto, na auto-negação ou na afirmação alienada de si mesmo. A negação do outro implica a auto-afirmação, ou a afirmação, aniquilante, do próprio vazio. Cada consciência de si tenderá a realizar, solitariamente, o pensamento abstrato do eu, um Eu universal abstrato, puro pensamento, totalmente afastado da realidade concreta da consciência, a fim de escapar à dor gerada pela sua contradição. Essa tentativa de fuga à própria divisão interior será por Hegel caracterizada como *estoicismo*. Ele precede ao desabrochamento da consciência infeliz; caracteriza uma primeira forma de alienação ou de mascaramento da dor subjetiva.

O estoicismo é a tentativa da consciência subjetiva de fazer a sua liberdade a partir do puro pensamento. O pensamento é trabalhado no sentido de desapegar-se do mundo e encontrar em si mesmo a sua verdade. Como o que liga a consciência ao mundo exterior é o trabalho e o desejo, o estoicismo busca no pensamento a libertação de ambos, a negação do mundo exterior na negação de sua necessidade para a consciência. Para o estoicismo, diz Hegel, "uma coisa tem para a consciência um valor de essencialidade", ou seja, "é para ela verdadeira e boa unicamente quando a consciência se com

porta em relação a essa coisa como essência pensante" (*Op. cit.*, p. 169). O estoicismo escamoteia a contradição da consciência com a ilusão de que esta se basta com o pensamento; de que a verdade e a essencialidade do real pertencem ao puro pensamento e devem ser conquistadas com uma independência - que é indiferença - da consciência em relação ao mundo e ao outro. O estoicismo, afirmando a absoluta solidão da consciência e sua remissão como essência pensante, pretende negar a multiplicidade e a exterioridade multiforme da consciência e, assim, identificar solidão, pensamento e totalidade. Essa forma da consciência subjetiva deverá ser negada pelo *ceticismo*, antes de configurar plenamente a infelicidade da consciência.

Ao contrário do estoicismo, o ceticismo é a negação do pensamento enquanto essência e verdade. Para o cético, diz Hyppolite, "de um lado existe a forma do pensamento, de outro, as determinações da vida e da experiência. Seu encontro é superficial, a forma permanece o que ela é, enquanto posição do pensamento; as determinações também conservam seu caráter absoluto, não são penetradas pelo eu consciente de si" (*Op. cit.*, p. 178). O ceticismo denuncia o ser que fora deixado de fora do pensamento, e, dessa forma, nega o pensamento na sua liberdade pura. Essa negação é, na perspectiva dialética, uma afirmação da liberdade do pensamento, na medida em que leva o pensamento até a realidade concreta que constituía sua razão de ser. O ceticismo nega o pensamento levando-o até o seu Outro, à sua exterioridade. Obriga, assim, a consciência subjetiva a abandonar a liberdade abstrata do pensamento e a assumir dentro de si a sua contradição.

Como se pode observar, estoicismo e ceticismo são os dois momentos que precedem e preparam a consciência infeliz: são a sua oposição ainda sob uma forma imediata. Do estoicismo ao ceticismo e deste à consciência infeliz, a gênese da subjetividade passa, progressivamente, da ilusão de autonomia e de abstrata liberdade ao nilismo e, finalmente, ao doloroso reconhecimento de que o preço da liberdade, a nível subjetivo, é o exílio no nada. A consciência infeliz é, portanto, para Hegel, a consciência dilacerada: perseguindo o pensamento como a forma de sua liberdade, desapega-se do imediato da vida e percebe que todo o ser ficou fora dela. Percebe que o seu próprio ser está fora, no outro e na exterioridade do seu próprio gesto enquanto ser-no-mundo. Enclausurada dentro de si e reconhecendo-se, de modo cada vez mais insuportável, como o espectro pensante ou forma vazia de uma realidade que permanece injustificada fora dela, a consciência infeliz passará por várias formas de

masclaramento e culmlnarã, no desenvolvimento histõrico da cultura ocidental, na sua forma plenamente dialetizada que ẽ a subjetiuidade moderna.

2 . TENTATIVA DE RECONHECIMENTO, NA POESIA DE FERNANDO PESSOA, DA CONSCIÊNCIA INFELIZ:

2.1. O mascaramento da consciência infeliz - o estoicismo

- a indiferença com relação à necessidade, ao apelo do mundo exterior e ao apelo do outro

"Nãõ sãõ quem nos odeia ou nos inveja / Nos limita e oprime; quem nos ama / Nãõ menos nos limita. / Que os deuses me concedam que, despido / De afetos, tenha a fria liberdade/ Dos pĩncaros sem nada. / Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada / Ɛ livre; quem nãõ tem, e nãõ deseja, / Homem, ẽ igual aos deuses."

(Ricardo Reis)

"Do que quero renego, se o querẽ-lo / Me pesa na vontade. Nada que haja / Vale que concedamos / Uma atençãõ que doa."

(Ricardo Reis)

- a solidãõ da vida interior, a pura essencialidade do pensamento

"Gozo sonhado ẽ gozo, ainda que em sonho. / Nõs o que nos supomos nos fazemos, / Se com atenta mente / Resistirmos em crẽ-lo. / Nãõ, pois, meu modo de pensar nas coisas, / Nos seres e no fado me consumo. / Para mim crio tanto / Quanto para mim crio. / Fora de mim, alheio ao em que penso, / O Fado cumpre-se. Porẽm eu me cumpro / Segundo o âmbito breve / Do que de meu me ẽ dado."

(Ricardo Reis)

"Ah, nãõ consegues contra o adverso muito / Criar mais que propõsitos frustrados! / Abdica e sẽ / Rei de ti mesmo."

(Ricardo Reis)

"Tirem-me os deuses / Em seu arbĩtrio / Superior e urdido às escondidas / O Amor, glõria e riqueza.

Tirem-me, mas deixem-me, / Deixem-me apenas/
A consciência lúcida e solene / Das coisas e dos seres.

(...)

O resto passa, / E teme a morte, /
São nada teme ou sofre a visão clara /
E inútil do Universo."

(Ricardo Reis).

- A preparação para a morte como forma de negação do grande Nada, ou seja, da negação absoluta da verdade da consciência.

"O tempo passa, / Não nos diz nada. / Envelhecemos./
Saibamos, quase / Maliciosos, / Sentir-nos ir
Não vale a pena / Fazer um gesto. / Não se resiste /
Ao deus atroz / Que os próprios filhos / Devora sempre.

(Ricardo Reis)

2.2 A negação do estoicismo, ou seja, da abstrata liberdade do pensamento - o ceticismo radical

- A indiferença em relação ao mundo exterior se transforma em consciência da impossibilidade de atingir esse mundo e, em consequência, em consciência da inutilidade da própria consciência.

"Nos altos ramos de árvores frondosas
O vento faz um rumor frio e alto,
Nestas flores, em este som me perco
E sozinho medito.
Assim no mundo, acima do que sinto,
Um vento faz a vida, e a deixa, e a toma,
Com que penso sozinho."

(Ricardo Reis)

- A afirmação da transitoriedade da existência como forma de estranhamento de si e de perda de si na inconsistência fugaz do mundo.

"Sim, sei bem / Que nunca serei alguém
Sei de sobra / Que nunca terei uma obra./

Sei, enfim, / Que nunca saberei de mim. /
 Sim, mas agora, / Enquanto dura esta hora, /
 Este luar, estes ramos, / Esta paz em que estamos, /
 Deixem-me crer / O que nunca poderei ser.

(Ricardo Reis).

"Breve o dia, breve o ano, breve tudo
 Não tarda nada sermos.
 Isto, pensado, me de a mente absorve
 Todos mais pensamentos.
 O mesmo breve ser da mágoa pesa-me,
 Que, inda que mágoa, é vida."

(Ricardo Reis).

"Ninguém, na vasta selva virgem
 Do mundo inumerável, finalmente
 Vê o Deus que conhece.
 Só o que a brisa traz se ouve na brisa
 O que pensamos, seja amor ou deuses,
 Passa, porque passamos."

(Ricardo Reis).

"Em tudo quanto olhei fiquei em parte.
 Com tudo quanto vi, se passa, passo,
 Nem distingue a memória
 Do que vi do que fui."

(Ricardo Reis)

- Na negação da forma abstrata do pensamento, o reconhecimento do vazio da consciência, ou seja, de sua negatividade essencial.

"A nossa vida era toda a vida... O nosso amor era o perfume do amor... Vivíamos horas impossíveis, cheias de sermos nós... E isto porque sabíamos, como toda a carne da nossa carne, que não éramos uma realidade...

Éramos impessoais, ocios de nós, outra coisa qualquer... Éramos aquela paisagem esfumada em consciência de si própria... E assim como ela era duas - de realidade que era, e ilusão - assim éramos nós obscuramente dois, nenhum de nós sabendo bem se o outro não era ele-próprio, se o incerto ou tro vivera..."

"Desenganemo-nos da esperança, porque trai, do amor, porque cansa, da vida, porque farta, e não sacia, e até da morte, por-

que traz mais do que se quer e menos do que se espera.

Desenganemo-nos, ô Velada, do nosso próprio tédio, porque se envelhece de si próprio e não ousa ser toda a angústia que é.

Não choremos, não odiemos, não desejemos...

Cubramos, ô silenciosa, com um lençol de linho fino o perfil hirto da nossa Imperfeição..."

(Fernando Pessoa, "Na Floresta do Alheamento").

2.3 O retorno da consciência subjetiva a si mesma, ou a consciência infeliz.

- O conflito entre pensamento e realidade no âmago da própria consciência.

"Brincava a criança / Com um carro de bois.

Sentiu-se brincando / E disse, eu sou dois!

Há um a brincar / E há outro a saber,

Um vê-me a brincar / E outro vê-me a ver.

Estou por trás de mim / Mas se volto a cabeça

Não era o que eu qu'iria / A volta só é essa...

O outro menino / Não tem pés nem mãos

Nem é pequenino / Não tem mãe ou irmãos.

E havia comigo / Por trás de onde eu estou,

Mas se volto a cabeça / Já não sei o que sou.

E o tal que eu cá tenho / E sente comigo,

Nem pai, nem padrinho, / Nem corpo ou amigo,

Tem alma cá dentro / 'Stá a ver-me sem ver,

E o carro de bois / Começa a parecer."

(Fernando Pessoa; Poesias Inéditas).

"Não: devagar. / Devagar, porque não sei

Onde quero ir. / Há entre mim e os meus passos

Uma divergência instintiva. / Há entre quem sou e estou

Uma diferença de verbo " Que corresponde à realidade."

(Álvaro de Campos).

"Neste mundo em que esquecemos

Somos sombras de quem somos,

E os gestos reais que temos

No outro em que, almas, vivemos,

São aqui esgares e assomos.

Tudo é noturno e confuso
 No que entre nós aqui há.
 Projeções, fumo difuso
 Do lume que brilha ocluso
 Ao olhar que a vida dá."

(Fernando Pessoa).

"De quem é o olhar
 Que espreita por meus olhos?
 Quando penso que vejo,
 Quem continua vendo
 Enquanto estou pensando?
 Por que caminhos seguem,
 Não os meus tristes passos,
 Mas a realidade
 De eu ter passos comigo?"

(Fernando Pessoa).

- A consciência de si como consciência do próprio vazio. A bastardia da consciência em relação ao mundo. A dor da consciência subjetiva. A dor da sobrevivência da consciência ao imediato do mundo que ela não consegue reconhecer.

"Não venhas sentar-se à minha frente, nem a meu lado;
 Não venhas falar, nem sorrir.
 Estou cansado de tudo, estou cansado
 Quero só dormir.

(...)

Pus o meu Deus no prego. Embrulhei em papel pardo
 As esperanças e ambições que tive,
 E hoje sou apenas um suicídio tardo,
 Um desejo de dormir que ainda vive".
 (Fernando Pessoa, Inéditas).

"O meu coração quebrou-se
 Como um bocado de vidro
 Quis viver e enganou-se..."
 (Fernando Pessoa, Inéditas)

"Esta velha angústia,
 Esta angústia que trago há séculos em mim,
 Transbordou da vasilha,
 Em lágrimas, em grandes imaginações,

Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror,
Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.

Transbordou.

Mal sei como conduzir-me na vida
Com este mal-estar a fazer-me pregas na alma!
Se ao menos endoidecesse deveras!
Mas não: é este estar entre,
Este quase,
Este poder ser que...,
Isto."

(Álvaro de Campos)

"Na casa defronte de mim e dos meus sonhos,
Que felicidade há sempre!

Moram ali pessoas que desconheço, que já vi mas não vi.
São felizes, porque não são eu."

(Álvaro de Campos)

"Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido?
Será essa, se alguém a escrever,
A verdadeira história' da Humanidade.
O que há é só o mundo verdadeiro, não é nós, só o mundo;
O que não há somos nós, e a verdade está aí.

Sou quem falhei ser.

Somos todos quem nos supusemos.

A nossa realidade é o que não conseguimos nunca."

(Álvaro de Campos)

"Grandes são os desertos e tudo é deserto,
Salvo erro, naturalmente.

Pobre da alma humana com oásis só no deserto ao lado!

(Álvaro de Campos).

"No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.

(...)

Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo,

(...)

O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa,

Pondo gelado nas paredes...

O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através
das minhas lágrimas),

O que eu sou hoje é terem vendido a casa,

É terem morrido todos,
 É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio..."
 (Álvaro de Campos, Aniversário)

"Não posso estar em parte alguma. A minha
 Pátria é onde não estou. Sou doente e fraco."
 (Álvaro de Campos, "Opiário").

- A tentativa da consciência infeliz de sufocar a sua dor negando-se no imediato inebriante do real, na esperança de aí encontrar a totalidade que resolva sua natureza dilacerada.

"Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir.
 Sentir tudo de todas as maneiras.
 Sentir tudo excessivamente,
 Porque todas as coisas são, em verdade, excessivas
 E toda a realidade é um excesso, uma violência,
 Uma alucinação extraordinariamente nítida
 Que vivemos todos em comum com a fúria das almas,
 O centro para onde tendem as estranhas forças centrífugas
 Que são as psiques humanas no seu acordo de sentidos.
 Quanto mais eu sinta, quanto mais eu sinta como várias
 pessoas,
 Quanto mais personalidade eu tiver,
 Quanto mais intensamente, estridentemente as tiver,
 Quanto mais simultaneamente sentir com todas elas,
 Quanto mais unificadamente diverso, dispersadamente atento,
 Estiver, sentir, viver, for,
 Mais possuirei a existência total do universo,
 Mais completo serei pelo espaço inteiro fora.
 Mais análogo serei a Deus, seja ele quem for,
 Porque, seja ele quem for, com certeza que é Tudo,
 E fora d'Ele há só Ele, e Tudo para Ele é pouco."
 (Álvaro de Campos).

Observação: Que se repare, no poema acima, a tentativa da consciência solitária identificar-se com a totalidade identificando-se, freneticamente, com a multiplicidade das consciências e dos acontecimentos: uma totalidade cumulativa e infinita que, por isso mesmo, permanece irremediavelmente inacessível à consciência.

- A experiência da totalidade como totalidade abortada no interior da consciência subjetiva.

"Serei sempre o que não nasceu para isso;
 Serei sempre sô o que tinha qualidades;
 Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de
 uma parede sem porta,
 E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,
 E ouviu a voz de Deus num poço tapado.
 Crer em mim? Não, nem em nada."

(Álvaro de Campos, "Tabacaria").

3. Conclusão: tentativa de comparação entre a consciência infeliz em Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade.

NOTAS

- (1). HEGEL, *La Phénoménologie de l'Esprit*, t. I. Trad de Jean Hyppolite. Paris, Aubier, 1939. Cf. parte (B): "Consciência de si", que contém o quarto capítulo da *Fenomenologia*: "A verdade da certeza de si mesmo". Esse capítulo é dividido em duas partes: a primeira trata da dialética do Senhor e do Escravo; a segunda, da consciência infeliz. A passagem da dialética da dominação à consciência infeliz constitui, segundo Hegel, um momento no processo de libertação da consciência. Na relação entre o Senhor e o Escravo, um detinha a verdade do outro. Na consciência infeliz, o que estava separado e representado naqueles dois opostos (Senhor: para-si, reconhecimento da realidade; Escravo: em-si, realidade fechada em si mesma, "inessencial" porque injustificada em si mesma) se reúne no âmbito da consciência subjetiva. Nesta, o em-si e o para-si estão juntos e sua oposição se fará, agora, no seio da própria consciência.
- (2). JEAN HIPPOLITE, *Genèse et structure de la Phénoménologie de l'Esprit de Hegel*. Paris, Aubier, 1946.
- (3). JEAN WAHL, *Le malheur de la conscience dans la philosophie de Hegel*. Paris, PUF, 1951.
- (4). "O Senhor se relaciona também à coisa por intermédio do Escravo, ele pode usufruir das coisas, negá-las completamente e assim afirmar-se a si próprio completamente; a independência do ser da vida, a resistência do mundo ao desejo não existem para ele. O Escravo, ao contrário, não conhece senão a resistência desse ser ao desejo, eis porque não pode chegar à negação completa

desse mundo; seu desejo conhece a resistência do real, ele, por tanto, apenas elabora as coisas, nada mais faz a não ser trabalhar sobre elas. Os trabalhos servis são para o Escravo que dispõe assim o mundo para que o Senhor possa negá-lo pura e simplesmente, ou seja, possa fruí-lo. O Senhor consome essa essência do mundo, o Escravo a elabora." (HYPPOLITE, *op. cit.*, p. 167-8)

(5). HYPPOLITE, *op. cit.* pág. 184.

(6). "A consciência da vida é uma separação da própria vida, uma re flexão opoente, de forma que tomar consciência da vida é saber que a verdadeira vida está ausente, e encontra-se como que rejeitado do lado do nada." (HYPPOLITE, *op. cit.*, p. 184). "Esta *consciência infeliz* - diz Hegel -, *cindida no interior de si*, deve, pois, forçosamente, visto que essa *contradição de sua essência é para ela uma consciência única*, ter sempre numa *consciência também o outro*". (*op.cit.*, p. 176).

UFMG - Faculdade de Letras
BIBLIOTECA